

A operação de um escritor é tanto mais importante quanto mais a estante ideal em que ele desejaria situar-se é uma estante ainda improvável, com livros que não se está habituado a pôr uns ao lado dos outros e cujo contacto pode produzir choques eléctricos e curtos-circuitos. [...] uma situação literária começa a ser interessante quando se escrevem romances para pessoas que não são apenas leitores de romances, quando se escreve literatura pensando numa estante de livros não só de literatura. (Calvino 2003 [1995]: 201)

As palavras do escritor Ítalo Calvino falam-nos dos trânsitos, das margens, dos “curto-circuitos” entre campos distintos, constituindo as suas reflexões uma metáfora atraente para introduzir o objetivo central do presente dossiê: refletir em torno dos vínculos entre os territórios da arte, etnografia e antropologia, procurando, na esteira do posicionamento de Néstor García Canclini (1997 [1989]; 2010), combater visões sedentárias e multiplicar pontos de vista.

A proposta inicial, de reunir trabalhos de investigadores e artistas procurou extrair das/ nas artimanhas da etnografia, as distintas experiências e contextos, os múltiplos sentidos atribuídos através de ações, intervenções, projetos e posicionamentos, descortinando na cena contemporânea, algumas das tendências resultantes da articulação entre arte e antropologia. A diversidade das abordagens e o entrelaçamento de algumas das situações analisadas demonstram a riqueza deste vasto campo de investigação, no que se refere às possibilidades de análise, métodos e questões delineadas.

Tais investigações heterodoxas da antropologia e da arte, apontam e sugerem sinais evidentes da chamada viragem na etnografia e na crítica contemporânea, já apontadas por Foster (1996) quando este identifica a presença de modelos teóricos em simultâneo, da valorização da experiência, do campo e do contextual, da sobreposição de papéis etnógrafo/artista, da introdução de novas conceções de autoria e na arbitragem do interdisciplinar. O paradigma do “artista como etnógrafo” e vice-versa, do “etnógrafo como artista”, realiza, segundo este autor, o pressuposto de que a transformação política e artística vai muito além de uma codificação automática, e que por outro lado, a antropologia é cada vez mais percebida como a língua franca das práticas artísticas, principalmente quando estas se fundam a partir de experiências identitárias face às

novas alteridades. Neste sentido, os artigos e o fotoensaio aqui apresentados conduzem a uma reflexão sobre o potencial dos inúmeros “curto-circuitos” resultantes das interlocuções entre arte e antropologia.

Explorar o “potencial criativo das margens” constitui a proposta de Chiara Pussetti em *“Woundscapes”: sofrimento e criatividade nas margens. Diálogos entre antropologia e arte*. A autora desenha a biografia de uma exposição realizada em 2012, na qual antropólogos e artistas – oriundos em particular do Brasil, Cabo Verde e Itália – trabalham os territórios do sofrimento e das migrações contemporâneas. O artigo assume *a priori* contrariar a distinção entre etnografia e arte ao sublinhar as opções dos curadores, os percursos expositivos e as práticas artísticas em presença fortemente ancoradas à pesquisa etnográfica, problematizando, ainda, as formas não textuais de representação do conhecimento antropológico.

Lorenzo Bordonaro, autor do fotoensaio *Ghetto Six. Uma intervenção artística “ethnography-based”* foi um dos antropólogos-artistas que integrou a exposição coletiva *Woundscapes*. Bordonaro parte do seu trabalho etnográfico no bairro 6 de Maio, um bairro auto-construído situado na Amadora, concelho vizinho de Lisboa, que desde o final dos anos 70 do século XX é habitado por uma população maioritariamente cabo-verdiana. O olhar proposto centra-se na demolição atual do bairro, nas histórias de vida dos seus habitantes e, simultaneamente, no processo de produção e circulação da instalação *Ghetto Six*. Bordonaro assume as sobreposições entre arte e antropologia, contribuindo este artigo para repensar a produção de conhecimento que envolve a incorporação da prática artística enquanto uma das dimensões da metodologia.

Através de uma etnografia sobre o CITAC – Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra – o antropólogo Ricardo Seiça Salgado interroga o etnoteatro como performance da etnografia. Este é o argumento central do artigo que paralelamente, acompanha a construção de um espetáculo fortemente ancorado em dados etnográficos o que revela, na ótica do autor, que o etnoteatro pode ser, simultaneamente, objeto e metodologia da prática etnográfica.

À semelhança das contribuições anteriores, *Etnoteatro como performance da etnografia: estudo de caso num grupo de teatro universitário português*, constitui-se como uma interessante problematização sobre os vínculos entre antropologia e práticas artísticas contemporâneas quer do ponto de vista metodológico – através do recurso à observação participante e às entrevistas, por exemplo – quer teórico, ao dialogar com conceitos centrais dos estudos de performance, em combinação com as metodologias teatrais. Segundo o autor, o etnoteatro expande e dilata os métodos da antropologia, em particular ao evidenciar os tipos de participação possíveis e os diferentes papéis que o investigador pode assumir.

*“Hoje somos nós os escultores!” Agencialidade e arte pública participada em Almada* oferece uma interlocução com as propostas teóricas de Alfred Gell sobre a arte enquanto sistema de ação e a agencialidade dos objetos artísticos. Maria Assunção Gato, Filipa Ramalhete e Sérgio Vicente apresentam como recorte um projeto de arte pública participada desenvolvido no Monte de Caparica (concelho de Almada), descrevendo as diferentes etapas do projeto, a metodologia utilizada, identificando os contextos relacionais estabelecidos. Atravessado por quatro vetores principais – agencialidade, arte pública, processos artísticos participativos e multiculturalismo – este artigo constitui-se, também, como um contributo para pensar as potencialidades das relações interdisciplinares entre arte e ciências sociais.

*Antropologia e práticas artísticas em Portugal*, de Sónia Vespeira de Almeida, identifica o diálogo que os artistas visuais têm desenvolvido na antropologia e com os seus métodos, procurando discutir estas relações na atualidade. Partindo das práticas e discursos de três artistas – Ângela Ferreira, Joana Vasconcelos e João Pedro Vale - a autora identifica os nomadismos entre arte e antropologia procurando interrogar as potencialidades desta relação. Este artigo procura, também, contribuir para uma reflexão mais alargada sobre a mobilização de formas de expressão alternativas nos processos de produção e divulgação do conhecimento antropológico.

Traçado o itinerário desejamos aos leitores do dossiê *Antropologia, etnografia e práticas artísticas* boas leituras, com produtivos “curto-circuitos”.

*Sónia Vespeira de Almeida e Ilka Boaventura Leite*

## **BIBLIOGRAFIA**

- Calvino, Ítalo. 2003 [1995], Ponto Final. Ensaios sobre Literatura e Sociedade. Lisboa: Teorema.
- Foster, Hall. 1996. The Return of the real, The Avant-Garde at the End of the Century, Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press.
- García Canclini, Néstor. 2010. La sociedad sin relato. Antropologia y estética de la inminencia. Madrid: Katz Editores.
- \_\_\_\_\_. 1997 [1989]. Culturas Híbridas, Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.